

laboratório de escrita
exercício proposto por Regina Azevedo

não sei o que foi, mas qualquer coisa podia sair da sombra e me destroçar. venta demais nestas esquinas escuras e amareladas. familiares, por mais inóspitas; não confio em balneário. aqui é onde disseram que tinha o melhor pôr do sol. viemos por sua causa, eu não ligo

pelo menos duas coisas na música tão bela da lorde chapada na manicure: a estrofe dela pelada de brinco, as minas terrestres de madrugada e o sol prestes e obrigado a nascer me fazem te ver à meia luz na areia, tão bonita, alegre com aquilo que vivíamos, que era doce; quando a lorde te fala pra passar suas noites com quem te criou desde criança: o vanderlyle crybaby geeks do national fala uma coisa assim ou próximo, quando fala pro vanderlyle que tudo foi perdoado e que nadam os cisnes, e antes, quando te manda sair de casa e mudar seu nome, o que, por sua vez, me lembra aquilo do benjamin do

volte pra casa!
tudo perdoado!

e o benjamin é tão duro quando fala de casa (ele é canceriano, cuja parada é casa, lua, mãe e família): o desabrigo é a glória

acho a parábola do filho pródigo bonita pra caralho também, foda-se. choro se leio, tô bêbado

filho, você sempre está comigo,
e tudo o que eu tenho é teu.
mas eu tenho que festejar e me alegrar
porque este teu irmão estava morto
e viveu de novo

a lorde é bem jovem, 24 anos, eu, 30; acho que captei o pathos. a coisa era você na areia, nós que viemos preste, pelo que dizem, ímpar pôr do sol de sombras perigosas. era um flash, você vestida de lorde, de garota branca magra cabeluda e neozelandesa. mas era você, não ela, nem a praia solar, mas a areia quase noturna, púrpura, algo espiritualmente divertido fora de quadro que te alegra, era talvez uma festa, uma frase amável, algo veloz, um gole, um espirro, finalmente, você alegre

Felipe Sut – julho 2021